Psicologia em Ênfase

v.4, p. 142-152 – Dezembro/2023

A VIVÊNCIA DA AUTOIMAGEM DE ADOLESCENTES NEGRAS NO CONTEXTO ATUAL: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Tamires da Silva Catão[1]
Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa[2]

Resumo

A autoimagem pode ser compreendida através das relações que os indivíduos estabelecem com o meio e como eles recebem e/ou reagem a estas manifestações no seu processo de desenvolvimento. Neste sentido, se o indivíduo é aceito e valorizado desenvolverá por si mesmo bons sentimentos. Ao contrário, dificilmente terá um conceito positivo sobre si mesmo. Na abordagem fenomenológica-humanista compreende-se a autoimagem como construção da autopercepção. Na fase adolescência ocorrem transformações emocionais, cognitivas, corporais, raciais e sociais. O trabalho tem como objetivo compreender como as adolescentes negras vivenciam a sua autoimagem dentro do contexto atual, levando em conta poucos estudos sobre o tema. Nessa ótica, a vivencia da autoimagem para as participantes focalizou-se na descoberta do ser negro que por muito tempo foi coberta no contexto vivido.

Palavras chave: Adolescência; Negras; Autoimagem; Fenomenológica-humanista.

Abstract

Self-image can be understood through the relationships that individuals establish with the environment and how they receive and/or react to these manifestations in their development process. In this sense, if the individual is accepted and valued, they will develop good feelings for themselves. On the contrary, it is unlikely that you will have a positive view of yourself. In the phenomenological-humanist approach, self-image is understood as a construction of self-perception. During adolescence, emotional, cognitive, bodily, racial and social transformations occur. The work aims to understand how black adolescents experience their self-image within the current context, taking into account few studies on the topic. From this perspective, the experience of self-image for the participants focused on the discovery of the black being, which for a long time was covered in the lived context.

Keywords: Adolescence; Black; Self-image; Phenomenological-humanist.

[1] Psicóloga Clínica graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)-2016. Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia em Goiânia (ITGT). Psicóloga Clínica de adultos, casais e famílias, Palestrante e Supervisora Clínica. E-mail: tamiressil@gmail.com

[2] Doutora em Ciências da Saúde pela UnB/UFG, Mestre em Educação pela PUC-GO e Psicóloga formada na Universidade de São Paulo - USP. Especialização em Gestalt-terapia. Cursos avançados em Gestalt-terapia pelo Gestalt Therapy Institute of Los Angeles (GATLA) e pelo Pacific Gestalt Institute (PGI). Psicoterapeuta de família: criança, adolescente e casal. Professora na Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professora em Pós-Graduação no Instituto Suassuna. E-mail: virginiasuassuna.com.br

O termo imagem vem latim *imago* e é definida como figura, representação ou semelhança de algo. Ela obtém sentido conforme cada indivíduo a recebe e se representa como um produto da imaginação (Abbagnano, 2007; Paul 1999).

Imaginar pode ser compreendido como construções mentais que podem levar há uma dimensão não necessariamente presente na vida das pessoas até um dado momento (Bauer, 2002). As imaginações se tornam reais quando experienciadas e vivenciadas no dia-a-dia; no trabalho; no contato com si mesmo e com outras pessoas. Elas ainda estão vinculadas com o futuro das criações, buscas, impulsos para batalhar e avançar (Bauer, 2002; Marcondes 2000).

Segundo Mosquera e Stobaus (2008) o conceito de autoestima está alicerçada na imagem que o indivíduo tem de si mesmo; assim como, na maneira que se recebe e/ou reage às manifestações do indivíduo no processo de desenvolvimento e nas interações com o meio (Moyses, 2001).

Neste sentido se o indivíduo recebe do meio amor, respeito e aprovação pelos outros, desenvolverá por si mesmo bons sentimentos. Se houver o contrário, dificilmente terá um conceito positivo de si mesmo. Em sua maioria passará a se ver como inadequado e consequentemente se dará menor valor quando comparado aos demais (Mosquera e Stobaus, 2008).

Se na infância a criança ouvir adjetivos pejorativos, ela pode incorporar conceitos alheios, e é na repetição desses comportamentos que podem atingir diretamente a sua estrutura cognitiva. Há uma interação entre os conteúdos recebidos nas relações com o meio externo e os conteúdos já existentes na mente da criança, constituindo adolescentes e adultos com marcas na sua individualidade. Essas marcas e percepções construídas determinam a forma como reagem e internalizam os conteúdos psicológicos (Moyses, 2001).

Na abordagem fenomenológica-humanista compreende-se a autoimagem como uma autopercepção do indivíduo, construída conforme cada um se visualiza nas situações em que está imerso e como estas percepções se inter-relacionam. A conduta do sujeito é assim influenciada pelo seu passado; pelas experiências presentes e pelos significados que são atribuídos à essas vivências (Goni e Fernández, 2009).

Polster e Polster (2001) definem a autoimagem ou o próprio conceito de *self* como sendo a função da personalidade responsável por estabelecer a construção as fronteiras de contato (Ribeiro, 2006).

A fronteira de contato é aquela que o sujeito assimila o que é nutritivo e exclui aquilo que não lhe tem sentido (Ginger & Ginger 1995). O contato não envolve só o senso do próprio eu, mas também, envolve um senso daquilo que colide/encontra com essa fronteira (Polster & Polster, 2001). “Basicamente, o contato é a consciência “de” e o comportamento ‘para” com as novidades assimiláveis, e a rejeição das novidades não assimiláveis. O que é difuso, sempre igual, ou indiferente não é um objeto de contato” (PHG,1997, p.113).

A fronteira do Eu permite que o contato aconteça. Define ações, valores, imagens, memorias. Nesta fronteira o indivíduo está disposto para se envolver com o mundo interno e externo (Polster & Polster, 2001). Na fronteira do corpo algumas funções ou sensações corporais ficam restritas, não constrói uma delimitação concreta e se encontra fora do alcance do próprio indivíduo. Ao contrário disto, sua fluidez pode facilitar a compreensão da sua imagem corporal.

Já a fronteira de valor caracteriza-se por alguns valores aprendidos, tais como: religiosos, políticos, raciais entre outros. Continuamente, a fronteira de familiaridade é definida pela relação que a pessoa faz com desconhecido. O medo, por exemplo de enfrentar o novo, por exemplo, pode enrijecer esta fronteira (Polster & Polster, 2001).

A fronteira de expressão corresponde às ações, sentimentos e valores expressados. Na infância muitos pais barram alguns comportamentos expressivos da criança, tais como, sexuais, morais entre outros e em virtude dessas interrupções geram adolescentes e adultos com dificuldades de se expressar (Polster & Polster, 2001).

Na fronteira de exposição, caracterizada por uma relutância quanto à ser observado ou reconhecido, é bem comum na adolescência. Eles insistem em fazer as coisas anonimamente com receio da exposição e não querem ser identificados pelas suas características (Ginger & Ginger 1995; Polster & Polster, 2001).

Em particular a fronteira de contato na adolescência dá espaço para consolidação de sua autoestima, na renovação do auto conceito e da autoimagem corporal que lhe auxiliam no processo de construção de limites e autossuporte (Zanella, 2013).

Ainda nesse contexto o corpo na adolescência aparece como fonte de autoconhecimento, uma vez que é possível reconhecer um corpo porque outros também existem, de modo que eles fazem contato com o próprio corpo (Zanella, 2013). O corpo se torna porta de entrada para conhecer outros corpos e se diferencia dos demais (Barros 2011; Zanella 2013).

Barros (2001) acrescenta que o nosso corpo é, antes de tudo, nosso primeiro e maior mistério. Para estarmos realmente presentes no mundo, é preciso reconhecer que somos um corpo. O corpo, então, é o lugar onde há a quebra da simetria, onde tudo pode acontecer e acontece (Damásio, 2000).

Desde modo o adolescente luta pela construção da identidade e pela afirmação do Eu que leva a uma progressiva diferenciação das fronteiras de contato, nas quais se clarifica a distinção entre o eu e o outro. O adolescente, então, tem a capacidade de se perceber como ser singular e detentor de uma personalidade própria (Zanella, 2013).

Nesta neste sentido emergem os conflitos e os questionamentos acerca das introjeções familiares e introjeções do meio externo. O adolescente começa a ter consciência da sua individualidade quando se tem uma separação subjetiva dos pais, e assim, começam a selecionar aquilo que recebem dos pais, distinguindo entre o que é seu e o que é deles, neste sentido ocorre uma libertação da confluência familiar (Zanella, 2013).

O adolescente começa a se perceber como centro, em virtude de forças internas biológicas e físicas que podem abrir espaços para se definirem como autores da sua própria história. Eles ampliam a capacidade de consciência que possibilitam uma reestruturação do olhar interno e concede ao mundo humano-físico-social questionamentos consistentes. Há uma influência mutua entre o que tem fora e o que tem dentro de si (Zanella, 2013).

Ainda no contexto da adolescência Zanella (2013) salienta que ocorre uma complexa transformação em virtude de uma explosão emocional, cognitiva, corporal e social. Algumas alterações neurofisiológicas desencadeiam novas experiências sensoriais e motoras floreando o campo afetivo-emocional do adolescente. Estas experiencias podem provocar oscilações de humor; confusões na sexualidade; conflitos com a imagem corporal.

Na busca pela construção da imagem corporal; definição da identidade e autoafirmação o adolescente vive um drama psicológico que consequentemente pode levar há uma oposição e negação do outro. (Zanella, 2013). Estes fenômenos segundo a autora podem originar aos transtornos de conduta social, tais como, o *bullying*, que se refere há agressões físicas e verbais, assim como, o preconceito racial, concernente a qualquer forma de expressão que discrimina uma etnia ou cultura por considerá-la inferior ou menos capaz; entre outras oposições. (Zanella, 2013).

Na historicidade do que é ser belo os indivíduos visualizavam a beleza por muito tempo nos cabelos lisos, brilhosos e sedosos,

na cor clarinha "boneca de porcelana", reforçando a crença de um ideal de beleza baseado em características universais (Piscitelli,1996).

Gomes (2006) realça que a raça tem uma condição importante na cultura e na vida social do indivíduo, já que as características físicas são usadas para diferenciar e hierarquizar as pessoas. Nessa hierarquização, a cor da pele apresenta-se como um dos sinais que moldam uma imagem e que nela são acrescentados associações e estereótipos.

Pacheco (2001) evidencia que ser negro no Brasil é um processo de tornar-se negro, passa pela significação do corpo e dos cabelos negros. "Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no país". Nessa ótica, o autor evidencia a importância de promover a igualdade racial, uma vez que o indivíduo, em sua totalidade, tem direito de se construir dentro de uma esfera cultural, política e ideológica (Gomes 2006; Pacheco 2001).

Em geral, o indivíduo de cor negra, toma consciência aguda da própria cor nos momentos de conflito, quando o adversário procura humilhar a aparência racial, ou por ocasião do contato com pessoas estranhas, podendo passar longos períodos sem se envolver em qualquer situação humilhante, relacionada com a identificação racial. Para o indivíduo de cor, o risco aumenta de ser tratado em função dos traços raciais (Fernandes & Roger, 1953).

Pinto (1953) realça que a experiência decorrente do "problema da cor" varia com a intensidade das marcas e com a maior ou menor facilidade que tenha o indivíduo de contrabalançá-las pela exibição de outras características ou condições – beleza, elegância, talento e etc.

Na cartela de cores originada do processo de miscigenação e reinterpretação da hierarquização racial, quanto mais distante da cor branca, mais a pessoa pode ser classificada de forma negativa (Gomes, 2006).

Justificativa

Forghieri (1992) realça que a pesquisa fenomenológica é aquela que acessa a vivência do próprio pesquisador e neste sentido, por ser uma mulher negra, o desejo e a curiosidade de trabalhar com os cenários que envolvem os conflitos raciais e autoimagem se fizeram presentes.

A autoimagem pode ser compreendida através das relações que os indivíduos estabelecem com o meio e como eles recebem e/ou reagem a estas manifestações no seu processo de desenvolvimento. Na infância e na adolescência o ser humano passa por transformações sociais; raciais; políticas e ideológicas que podem constituir e moldar sua imagem.

Justifica-se este trabalho em função da necessidade em compreender como as adolescentes negras vivenciam a sua autoimagem dentro do contexto atual e compreender, também, se a construção da autoimagem tem raízes na esfera social.

A presente pesquisa tem como objetivo observar a maneira como as adolescentes percebem, sentem e vivenciam a sua imagem; aceitando ou rejeitando as informações que lhe são impostas.

Nesse sentido, após uma pesquisa bibliográfica de 1953 à 2001 nas bases de dados do Google acadêmico e do Cielo, a pesquisadora não encontrou nenhuma pesquisa fenomenológica que abordasse a temática aqui desenvolvida. Os artigos selecionados para a construção do trabalho envolvem a compreensão da raça negra no Brasil de forma ampla.

Objetivo Geral:

Compreender como as adolescentes negras vivenciam e constroem a sua autoimagem no contexto atual.

Objetivos Específicos

Investigar a correlação entre autoimagem e as questões étnicas raciais.

Compreender como o olhar do outro pode colaborar para construção da percepção das adolescentes.

Descrever à experiência de como as adolescentes negras se percebem diante das suas particularidades.

Metodologia

A pesquisa é caracterizada como qualitativa fenomenológica por utilizar o método de Giorgi (2008) que tem como propósito a compreensão da vivência de indivíduos em relação a sua autoimagem a partir do que é relatado em sua entrevista.

Local

As entrevistas foram realizadas presencialmente no consultório da Pesquisadora localizado na cidade de Goiânia-Goiás.

Participantes

Participou da pesquisa 3(três) adolescentes negras com idade entre 15(quinze) e 18(dezoito) anos, que não estejam passando por nenhum tratamento psiquiátrico, que estejam dispostas a falar e descrever sobre o tema e que estejam matriculadas regularmente no ensino escolar. Terá como exclusão aquelas que não tiverem disposição para falar sobre o tema, ainda assim, não possuir a cor de interesse da pesquisadora

Instrumentos

A entrevista realizada contém as seguintes perguntas disparadoras: “O que você compreende por autoimagem?” “Como você percebe a mudança da sua autoimagem com a chegada da adolescência?” “Como é que você vivencia o fator de ser negra?” A finalidade destes questionamentos é para que a apreensão do conteúdo seja esclarecedora para uma entrevistadora diante do que é dito pela participante da pesquisa.

Materiais

O que se utilizou para este estudo: um gravador digital para registro das respostas, caneta, lápis, computador, papel que auxiliarão na transcrição do conteúdo, assim como, anotações pertinentes autorizadas pelas participantes.

Coleta de Dados

Posteriormente a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pró-reitoria de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, será feita a seleção das participantes da pesquisa por meio de convite, onde serão sanadas todas as dúvidas a respeito da temática – autoimagem das adolescentes negras no contexto atual - As participantes que se encaixarem nos critérios de inclusão serão convidadas a participar da pesquisa e caso aceite, será realizada a entrevista presencial no horário e local combinados com o intuito de passar as informações acerca do TCLE, além de descrever as informações sobre os objetivos da pesquisa e seus procedimentos envolvidos os quais vão de encontro com a Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016, emanada do Conselho Nacional de Saúde, sendo as participantes esclarecidas sobre riscos e benefícios, acompanhamento e assistência, sigilo e confidencialidade, uso e destinação dos dados, indenização e liberdade de desistência sem prejuízos. Após os esclarecimentos e leitura do TCLE, serão colhidas informações das participantes a respeito das suas experiências vividas com o tema a ser investigado, tendo como perguntas disparadoras: “O que você compreende por autoimagem?” “Como você percebe a mudança da sua autoimagem com a chegada da adolescência?” “Como é que você vivencia o fator de ser negra?”.

Analise de dados

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente transcritas pela pesquisadora para que seja realizada uma análise criteriosa do discurso do participante, de acordo com o Método Fenomenológico de Giorgi. No que tange esta metodologia existem quatro passos a serem desenvolvidos após a obtenção dos

dados de investigação através da transcrição literal da fala das participantes, sendo elas: o estabelecimento do sentido geral daquilo que foi dito; definição das partes, com a divisão das unidades de significado; passagem das unidades de significado para expressões psicológicas; e, ao final, a determinação da estrutura geral de significados psicológicos. Primeiramente o método fenomenológico prioriza apreender a experiência vivida, e tem como foco a descrição para captar aquilo que chega a consciência do sujeito; por seu turno, se faz a redução fenomenológica daquilo que foi capturado pela investigadora para conhecer o sentido daquilo que se apresenta à consciência do sujeito; em terceiro, o investigador procura chegar a essência do fenômeno para encontrar o significado psicológico da experiência revelada pelo sujeito; e, por fim, encontram-se as unidades de significado psicológico que descrevem de forma geral a experiência vivida pelo sujeito (Giorgi e Sousa, 2010). As unidades de sentido categorizadas a partir das entrevistas com as participantes serão correlacionadas a teoria levantada na revisão bibliográfica.

Coleta de dados

Concernente a parte qualitativa, feita a partir de analise das entrevistas realizadas com três adolescentes negras e com base no modelo de analise fenomenológica de Giorgi, foram obtidas unidades de significado para cada pergunta disparadora. A primeira tabela de P1 consiste em demonstrar como foram feitos os quatro passos do método de Giorgi.

Tabela 1

Pergunta: O que você compreende por autoimagem? P1

Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4
O que eu vejo em mim mesmo, mas não só isso, o que tenho que apresentar para as pessoas de fora. Pra eu lidar com a autoimagem sempre foi complicado desde pequena. Agora nesse momento quando estou amadurecendo, estou num momento de aceitação. Quando nos aceitamos a nós mesmos acontece que reflete um pouco e acaba que com o passar da nossa idade a autoimagem para nós mesmos e para as pessoas vai mudando.	A Participante 1 relata que a autoimagem é o que vê em si mesmo e o que tem que apresentar para as pessoas de fora. Para P1 lidar com autoimagem foi complicado desde pequena e com o amadurecimento, se encontra na fase de aceitação. Quando há uma aceitação de quem se é acaba refletindo. E com o passar dos anos a autoimagem para si própria e para os outros vai mudando.	A autoimagem é o mostrar de si para o outro. Existe um processo de amadurecimento até a aceitação que é percebido pelo outro.	Expressão de si mesmo. Percepção do outro.

Posteriormente serão apresentadas as unidades de significado das três participantes conforme cada pergunta disparadora. Deste modo, a tabela 2 exibe todas as unidades de significados das três participantes referentes a

primeira pergunta disparadora: “O que você compreende por autoimagem?”.

As duas unidades de significado propostas por P1 foram: Percepção de si mesmo; Percepção do outro. Já P2 a unidade de ignificado foi a percepção si mesmo; percepção do outro e para P3 a autopercepção.

Tabela 2. Quarta redução fenomenológica das três participantes referentes à primeira pergunta disparadora.

Primeira pergunta disparadora.	***Participante 1***	***Participante 2***	***Participante 3***
“O que você compreende como autoimagem”?	Expressão de si mesmo. Percepção do outro.	**Percepção de si mesmo Percepção do outro**	Autopercepção

Na tabela 3 é possível verificar as unidades de sentido de cada participante referente a segunda pergunta disparadora: “Como você percebe a mudança da sua autoimagem com a chegada da adolescência”?

A unidade de significado proposta por P1 foi o processo de autoaceitação Já para P2 foi vivenciar menos discriminação e para P3 foi a autoaceitação.

Tabela 3
Redução fenomenológica dos três sujeitos referentes à segunda pergunta disparadora.

Segunda pergunta disparadora.	***Participante 1***	***Participante 2***	***Participante 3***
“Como você percebe a mudança da sua autoimagem com a chegada da adolescência?”	Processo de autoaceitação	Vivenciou menos discriminação.	Autoaceitação

Já **na tabela 4** é possível verificar as unidades de sentido de cada participante referente a terceira pergunta disparadora: “Como é que você vivencia o fator de ser negra?”

A unidade de significado proposta por P1 foi o conflito entre ser igual e diferente, já para P2 foi a ausência da percepção da diferença e a descoberta da diferença na

adolescência e para P3 foi a vivência da discriminação.

Tabela 4

Redução fenomenológica dos três sujeitos referentes à terceira pergunta disparadora.

Terceira pergunta disparadora.	***Participante 1***	***Participante 2***	***Participante 3***
"Como é que você vivencia o fator de ser negra?"	Conflito entre ser igual e diferente.	Ausência de percepção da diferença. Descoberta da diferença na adolescência.	Vivência da discriminação.

Discussão

Ao observar as unidades de significados dos três sujeitos entrevistados percebeu-se no relato das participantes aspectos individuais e aspectos comuns entre as vivências. No que concerne à primeira pergunta disparadora "O que você compreende por autoimagem?" as três participantes tiveram unidades de significado semelhantes.

P1, P2 e P3 compreendem a autoimagem como a expressão que tem de si mesmo. Entretanto P1 e P2 acrescentam que a autoimagem também está ligada a maneira como os outros a percebem. Mosquera e Stobaus (2008) & Moyses (2001) Salientam que a autoimagem pode ser compreendida como a percepção que o indivíduo tem de si próprio, levando em conta a forma como eles reagem e recebem as manifestações do contexto social.

Para P1 o olhar externo das notícias do processo de amadurecimento até a aceitação. Já Para P2 o olhar do outro revela o contato com seu baixo estima diante da sua cor e para P3 o olhar externo não tem importância. Nesse sentido, as três vivenciam a presença do olhar do outro, porém P1 assume que o olhar do outro fez com que ela tivesse contato com sua fronteira do EU de forma mais fluída, amadurecendo e se auto aceitando. Polster e Polster (2003) realçam que na fronteira do Eu o indivíduo está disposto e comparativamente fluído para se envolver plenamente tanto com o mundo externo quanto as capacidades internas que o ser humano constitui. Já para P2 o olhar do outro revela a sua cor e aparece como invasor da sua intimidade interferindo no seu baixo estima. A fronteira de exposição é definida por uma relutância quanto a ser visto pelos olhares. Essa fronteira é bem familiar na fase da adolescência. Nesta fase é natural que se faça coisas anonimamente com receio da exposição sem querer ser identificado pelas suas características (Polster e Polster 2001).

Já na fronteira de valor de P3 o olhar do outro não aparece como signicativo para fazer com que ela tenha preconceito com si mesma. Polster e Polster (2001) continuam realçando que é na fronteira de contato que os indivíduos assimilam o que é bom e excluem aquilo que não tem finalidade.

Goni & Fernández (2009) afirmam que na esfera fenomenológica-humanista a autoimagem é compreendida como uma autopercepção do indivíduo e que está alicerçada de acordo como cada indivíduo se percebe dentro das situações. Levando em conta as a correlação destas percepções com o meio. Neste sentido a compreensão da autoimagem para as três participantes depende

da forma como cada uma reage e se enxerga diante do outro.

Diante da segunda questão disparadora que se refere a "como você percebe a mudança da sua autoimagem com a chegada da adolescência?" a participante P1 e P3 compartilharam vivências semelhantes. P1 por um período negou o contato com a própria cor e só se percebeu negra com a chegada da adolescência e mesmo assim se aceitou. P3 teve dificuldades em aceitar a própria cor na adolescência em função dos comentários e olhares negativos, mas afirma que o passar do tempo foi fundamental para que esses olhares não atingissem as fronteiras do EU, entrando em contato e aceitando a própria cor. Segundo ela passou a não dá atenção para os olhares que vinham de fora. Nessa ótica o tempo aparece como fundamental no processo de autoaceitação de P1 e P3.

Polster & Polster (2001) afirmam que é na fronteira que o contato é permitido. Sendo que é nela que ações e percepções são definidas. O autor ainda acrescenta que nesta fronteira o indivíduo permite se relacionar com seu meio interno e com o ambiente. Nessa ótica, P1 e P3 se dão conta que são negras na adolescência e com a descoberta de ser negro vivenciam o racismo; o preconceito e a falta de definição de si própria que são digeridas com o passar do tempo.

Zanella (2013) acrescenta que é na busca pela construção da imagem corporal, da definição da identidade e da autoafirmação que o adolescente vive o drama psicológico. O corpo torna-se figura na relação com o mundo e com o outro.

Já para P2 não foi tão difícil perceber-se como negra quando comparada a vivência de outras pessoas da mesma cor. A condição econômica minimizou o preconceito. Evidencia ter sensações e sentimentos quando percebe olhares suspeitos em função da sua cor, entretanto se sente incluída por conviver com outras pessoas da mesma raça e por sentir respeitada no seu contexto escolar. Gomes (2006) & Pacheco (2001) evidenciam a importância de promover a igualdade racial, uma vez que o indivíduo, em sua totalidade, tem direito de se construir dentro de uma esfera cultural, política. Desta forma, P2 vivencia menos discriminação.

Já Zanella (2013) acrescenta que a necessidade de experenciar a confluência funcional com o grupo do qual faz parte, o adolescente compartilha ideias, comportamentos, músicas, vestimentas de maneira bem semelhantes. Neste sentido, os adolescentes se sentem incluídos dentro do seu grupo social.

Na terceira pergunta disparadora "Como é que você vivencia o fator de ser negra?" P1 vivenciou o conflito entre se sentir igual e diferente simultaneamente. Os pais dentro de casa ensinavam para P1 que ela era igual a todos. Entretanto ela se percebia diferente quando estava fora do contexto familiar. Zanella (2013) realça que existe um processo chamado confluência familiar que se refere a não diferenciação de quem sou eu e quem são meus pais. O adolescente precisa passar por um processo de discriminação e separar aquilo que é de si mesmo e do outro. Diante disto, o adolescente se coloca no centro se percebendo como um ser único e tem a capacidade de questionar as coisas que são impostas pelo meio.

A fronteira de familiaridade é caracterizada pelo processo no qual o indivíduo entra em contato com aquilo que lhe é comum e estranho. Nessa fronteira que o ser humano tem conhecimento do que é familiar, evitando a cristalização e o estranhamento (PHG, 1997). "O senso de estar privado de tudo o que é familiar é um vácuo que ameaça sugar tudo dentro do seu alcance" (Polster & Polster, 2001, p.131).

Continuamente, P2 relata não ter entrado em contato com suas próprias fronteiras que delimitavam a diferença entre as raças até um certo tempo de vida. O contato com sua própria cor foi vivido em função dos preconceitos que segundo menciona não invadiu sua fronteira do Eu a ponto de não ter

sofrido com os mesmos. Já para P3 a vivência da cor desperta sensações ambivalentes, uma vez que vive ao mesmo a autoaceitação e a discriminação pelo outro. Diante disto, as três participantes vivenciam experiencias peculiares de como é ser negra de modo que cada uma delimita as fronteiras de acordo com suas próprias experiencias de vida.

Gomes (2006) realça que a raça tem uma condição importante na cultura e na vida social do indivíduo nas quais as características físicas são usadas para diferenciar e hierarquizar as pessoas. Nessa hierarquização, a cor da pele apresenta-se como um dos sinais que moldam a autoimagem do ser humano.

Conclusão

A autoimagem é construída a partir do contexto no qual o indivíduo está inserido. Isso nos remete a teoria de campo de Kurt Lewin que mostra que o comportamento é em função do campo aonde ele ocorre (Ribeiro, 2006). "O campo é então definido como uma totalidade dos fatos coexistentes, em um dado momento, e concebido em termos de mútua interdependência, cuja significação depende da percepção dessa correlação entre sujeito e objeto" (Ribeiro, 2006, p. 64). Neste sentido, a pesquisa evidenciou três tipos de contexto: No contexto de P1 o ambiente familiar tentava evidenciar a igualdade entre as cores, de modo que a cor não era vista figura. No contexto de P2 a condição financeira minimizou a vivência da discriminação em função da cor e no contexto de P3 os olhares externos não tiveram tanta importância com o passar do tempo.

Compreende-se que olhar do outro ainda revela o racismo; o preconceito; e o questionamento da identidade. No que concerne a questão étnica racial ainda há interferência na construção da autoimagem de forma que apenas com o amadurecimento pessoal e a vivência da discriminação ao longo do tempo dão a oportunidade para as adolescentes negras vivenciarem estas questões com novos olhares.

Nessa ótica, o olhar do outro é vivenciado de diferentes formas. Tanto pode favorecer o contato com o individuo como pode dificultar a ponto de levar o indivíduo a vivenciar discriminações inclusive no que tange os meios profissionais. A percepção de si mesmas no contexto das adolescentes negras foi sendo construídas no decorrer do tempo e sofreram influencias do olha do outro.

Nesse sentido, a singularidade na forma de digerir o olhar do outro é o que caracteriza a subjetividade da pesquisa fenomenológica. Compreende-se que a vivencia da autoimagem para as três adolescentes focalizou a descoberta do ser negro que até então encontrava-se coberto no contexto vivido.

Referências

Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

Barros, D. (2001) *Estudo da imagem corporal da mulher: corpo (ir)real x corpo ideal.* Dissertação de mestrado, Campinas, Faculdade de Educação Física, Unicamp.

Bauer, C. *Sobre televisão: reflexões históricas. Revista Cenários da Comunicaçã*o. Vol.1.

Binswanger, L. (1967). La escuela de pensamiento de análisis existencial. Em R. May (Org.), *Existência - nueva dimensión em psiquiatría y psicología* (pp. 34-58). Madrid: Editorial Gredos, S.A.

Damásio, A. (200) *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si.* São Paulo: Companhia das Letras.

Forghieri, Y. C. (2014). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas.* São Paulo: Pioneira.

Forghieri, Y. C. (1992). A Investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas. In R. M. S. Macedo (Org.), Mapeamento da pesquisa em psicologia

no Brasil (n.2, pp.19-42). São Paulo: Cadernos da ANPEPP.

GINGER, S.; GINGER. A. A Gestalt: uma terapia de contato. São Paulo: Summus, 1995.

Gomes (2006) Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica.

Heidegger, M. (1991). *Sobre a Essência do Fundamento.* São Paulo: Nova Cultural.

Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo - parte 1*. Rio de Janeiro: Vozes.

Marcondes, C. F. (1994) *Televisão*. São Paulo: Scipione.

Moysés, M. A. A. (2001). *A institucionalização invisível – crianças que não-aprendem-na-escola.* Campinas, SP: FAPESP/ Mercado de Letras.

Pacheco, H. P. (2001) *Representatividade da imagem do negro nos meios de comunicação; revista Raça Brasil e a imprensa brasileira.* In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24º. 2001. Campo Grande/MS, setembro 2001 [CD-ROM]. Anais... São Paulo: Intercom, 2001.

P H G *Gestalt-Terapia. 2.* ed. São Paulo: Summus, 1997.

PINTO, L. A. C. (1953) O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Piscitelli, A. (1996) "*Sexo tropical": comentários sobre gênero e "raça" em alguns textos da mídia brasileira.* p. 9-34, Cadernos Pagu, Campinas.

Polster, E. Polster, M. (2001). *A fronteira de contato. Gestalt-terapia Integrada.* São Paulo: Summus.

Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mécum de Gestalt terapia: conceitos básicos.* São Paulo, SP:Summus.

Roger & Fernades F. (1953) *"Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo"*. São Paulo Anhembi X (30) -XII (34), maio-set.

Sebeok, T. A. (apud SANTAELLA, L. NÖTH, W.) (1998) *Os estudos da Linguagem e do Signo*. *O Falar da Linguagem*. São Paulo, nº. 1. Ed. Lovise.

Tenório, C. M. D. (2003) *Os transtornos da personalidade histriônica e obsessiva-compulsiva na perspectiva da Gestalt Terapia e da teoria de Fairbairn*. Brasília. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

Schilder, P. (1999) *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.